



**NO HALO DO**  
**Universo**

**Estevan Lutz**

# **NO HALO DO UNIVERSO**

**ESTEVAN LUTZ**

No Halo do Universo

Copyright © por Estevan Lutz

Projeto editorial por Ademir Pascale

Imagem da capa: by Carlos Figueiró

Fábrica de Ebooks

[www.fabricadeebooks.com.br](http://www.fabricadeebooks.com.br)

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do autor

Obra protegida por direitos autorais

2015

**INDICE**

|                                      |           |
|--------------------------------------|-----------|
| <b>PREFÁCIO</b>                      | <b>05</b> |
| <b>O MISSIONÁRIO</b>                 | <b>06</b> |
| <b>O NANO IMPÉRIO</b>                | <b>09</b> |
| <b>A RENOVAÇÃO</b>                   | <b>12</b> |
| <b>UMA NOVA ODISSEIA</b>             | <b>13</b> |
| <b>ENTRE DOIS MUNDOS</b>             | <b>18</b> |
| <b>O EXPERIMENTO CANUDOS</b>         | <b>21</b> |
| <b>GUERREIROS DA QUARTA DIMENSÃO</b> | <b>28</b> |
| <b>O DESERTO DO IRREAL</b>           | <b>33</b> |
| <b>A MÁQUINA DA INSANIDADE</b>       | <b>34</b> |
| <b>SOBRE O AUTOR (MINIBIOGRAFIA)</b> | <b>41</b> |

## PREFÁCIO

Conheci o incrível talento de Estevan Lutz ao ler o conto “O missionário”, do qual foi selecionado por mim para participar da coletânea “Draculea – O livro secreto dos vampiros” (All Print). Confesso que foi uma leitura marcante e este conto foi um dos melhores do gênero terror que já tinha lido, e isso porque já li centenas de contos. E sempre que leio uma história tão bem trabalhada e vibrante, faço o possível para manter contato com o autor. Convidei o Estevan para participar de outros livros com minha organização, como “Time Out – Os viajantes do tempo” (Editora Estronho) e “Passado Imperfeito” (Argonautas), pois além de ser criativo e escrever bem, é um autor pontual, o que ajuda muito no trabalho em uma coletânea. Mas não pense que ele escreve apenas contos de terror. Não, o seu ponto forte, pelo menos para mim, é no gênero ficção científica.

Gaúcho, natural de São Sebastião do Caí, autor que usa como referência os autores Arthur C. Clarke, Isaac Asimov, Aldous Huxley, Carl Sagan, Douglas Adams e o dramaturgo William Shakespeare, lançou em 2010, pela Novo Século Editora, o romance cyberpunk “O Voo de Icarus – até onde nossa mente pode nos levar?”. E é claro que o meu exemplar autografado está em destaque entre outros livros deste gênero em minha estante.

“No Halo do Tempo”, reúne alguns dos melhores contos desse experiente contista, como “O nano império”, “A renovação”, “Uma nova odisséia”, “Entre dois mundos”, “O experimento Canudos”, “Guerreiros da quarta dimensão”, “O deserto do irreal”, “A máquina da insanidade” e o marcante “O missionário”, do qual faria Bram Stoker muito feliz se estivesse vivo. Mas não o deixarei com tanta ansiedade, caro leitor. Faço questão em deixar uma pequena degustação para que você saiba o que lhe aguarda nas próximas páginas:

*Os camponeses erguiam, exaltados, suas foices e ceifadeiras enquanto praguejavam fervorosamente contra a criatura sanguinária recém capturada.*

*O missionário, contundente, aproximou seu crucifixo de prata no rosto do vampiro que estava fortemente amarrado num tronco de cedro.*

*— Em nome do Senhor, arda no lago de fogo, monstro maligno do inferno! — ordenou o missionário, imponente, por debaixo do capuz de sua batina franciscana.*

Agora, procure uma poltrona confortável. Feche as portas. Acenda uma vela para dar um clima e deixe um telefone próximo de você, afinal, ninguém sabe o que poderá acontecer nos próximos minutos.

Tenha uma boa diversão!

**Ademir Pascale**

Escritor e ativista cultural. Blog: [odesejodelilith.blogspot.com](http://odesejodelilith.blogspot.com)

## O MISSIONÁRIO

Os camponeses erguiam, exaltados, suas foices e ceifadeiras enquanto praguejavam fervorosamente contra a criatura sanguinária recém capturada.

O missionário, contundente, aproximou seu crucifixo de prata no rosto do vampiro que estava fortemente amarrado num tronco de cedro.

— Em nome do Senhor, arda no lago de fogo, monstro maligno do inferno! — ordenou o missionário, imponente, por debaixo do capuz de sua batina franciscana.

O sol se aproximava do horizonte e seus raios transpassavam as árvores, fulminando a face da criatura da noite.

— Maldito seja! Você é um monstro imundo e desgraçado! — vociferou o vampiro com os olhos vermelhos e lacrimejantes.

Irritados, alguns camponeses avançaram brandindo suas ferramentas do campo e desferiram golpes contra o corpo do ser das trevas, fazendo-o gritar tanto de dor como de ódio. Vertentes de sangue escorriam pelo seu corpo e formavam uma poça escarlate no chão.

— Irmãos, peço que se afastem — pediu o missionário, erguendo seus braços. Em seguida, tirou de um bolso de sua batina um pequeno frasco de vidro e se voltou novamente

para o vampiro. — Deixem que eu o envie de volta para a chama eterna.

O representante do Senhor destampou o frasco e arremessou água benta contra o representante do demônio, fazendo com o braço movimentos que simbolizavam a cruz sagrada.

— *In nòmine Patris, et Filii, et Spìritus Sancti.*

Enquanto o missionário pronunciava a benção, a pele da criatura atingida pelo líquido se corrompia em feridas ardentes.

O povo ficou eufórico ao contemplar o sofrimento daquele filho de Satã.

— Missionário... Missionário... Missionário... — um coro clamava exultante.

— Pelas três mulheres e dois homens brutalmente mortos na vila, eu o mando de volta ao fogo do inferno antes que a noite chegue e lhe traga seus poderes nefastos! — disse o bravo caçador de vampiros que agora empunhava uma respeitável estaca de pinho.

Os camponeses imergiram num silêncio expectante. O vampiro, enfraquecido pela flagelação que sofreu, ergueu um último olhar de repúdio ao missionário que, por sua vez, fez da estaca uma extensão da justiceira força divina. Com um golpe preciso, cravou a ponta de madeira no centro do peito da criatura que respondeu com um único espasmo antes de se entregar à escuridão eterna.

Gritos de celebração ecoaram pela praça do vilarejo. O mal acabara de ser expurgado. Os moradores não precisavam mais temer as noites de sangue. O exímio e reconhecido caçador de vampiros, servo de Deus, havia encerrado, competentemente, mais um trabalho.

— Queimem o corpo do monstro e joguem suas cinzas no rio — pediu o missionário aos camponeses, enquanto impava os respingos de sangue em sua batina. Durante todo aquele ato de tortura e execução da criatura da noite, um homem, em meio à multidão, observou o ritual sem manifestar qualquer emoção. Era um velho que ostentava um ar gélido e sombrio. Vestia um longo casaco de lã e usava um chapéu

negro. Assim como o missionário e o vampiro, ele não pertencia àquele povoado da Bavária. Antes

de atear fogo no corpo pendente que estava retido pelas cordas junto à tora de cedro, o velho sinistro aproximou-se e fez uma breve inspeção da criatura morta. Em seguida, retirou-se para dar lugar às chamas que consumiram o corpo dilacerado.

O missionário reuniu seus objetos pessoais em uma sacola de couro e a pendurou pela alça em seu ombro. Despediu-se dos moradores da comunidade enviando-lhes bênçãos e seguiu em direção à estrada que o levaria rumo ao empreendimento de uma nova jornada, agora na Floresta Negra. Os habitantes do vilarejo fizeram o sinal da cruz repetidas vezes

e ficaram agradecendo aos céus o serviço do missionário.

O sol recolheu-se ao horizonte, tingindo-o de vermelho.

Quando o missionário adentrou na estrada de chão batido, deparou-se com uma carroça ali estacionada. Sentado nela com as rédeas dos dois cavalos em mãos, estava aquele homem misterioso que acompanhou o ritual da morte do vampiro com indiferença.

No momento em que o missionário passou ao lado da carroça, o velho sobre ela ergueu seu chapéu e virou-se para ele.

— Até a próxima vila será uma longa caminhada. Permitirá o bravo mediador do Senhor que eu o leve até uma parte do caminho?

O missionário parou, fitou o homem por um instante e, em seguida, subiu na carroça.

— Agradeço a gentileza, meu bom homem. Por acaso está indo à região da Floresta Negra?

— Especificamente, não — respondeu o velho enquanto sacudia as rédeas dos cavalos para por a carroça em movimento.

— Creio, então, que seja um andarilho, ou não?

— Sou um caçador que viaja muito.

— Humm... Parece então que temos algo em comum. E o que o bom amigo costuma caçar?

— Animais selvagens.

O missionário consentiu com um aceno de cabeça. O condutor da carroça limitava-se a dar respostas sucintas, como se não quisesse, de momento, muita conversa.

O crepúsculo pairou sobre os campos que margeavam a estrada. A lua brilhou no céu. Depois de um tempo rodando, quando a última casa da vila se afastou, o condutor quebrou o silêncio:

— O missionário, em suas andanças pelas florestas da Europa, já ouviu falar de um poderoso vampiro que não teme os objetos sagrados e que caminha entre suas presas até durante o dia?

A pergunta pareceu ter surpreendido o missionário. Contemplou as primeiras estrelas que brotaram no firmamento e removeu o capuz que ainda usava, revelando uma cabeça raspada com muitas rugas salientes.

— Creio que seja apenas mais uma lenda vinda da Valáquia — respondeu, encarando seu interlocutor com frieza.

— Admiro sua efi ciência, pois logo quando surgiram as primeiras vítimas do vilarejo, o senhor já chegou ao local para dar início à caçada ao predador. Assim também foi, há um ano, num povoado da Hungria e, há dois anos, numa cidade da

Polônia.

— Vejo que o sábio homem tem acompanhado minha peregrinação. Mas tudo que lhe posso dizer é que sou guiado pela voz do Senhor.

Os cavalos reduziram a marcha e o velho que os comandava levou uma de suas mãos para dentro do casaco.

— Não sei se é de seu conhecimento, missionário, mas água misturada com enxofre cria uma solução que faz queimar a pele humana, e sumo de limão faz avermelhar e arder muito os olhos de uma pessoa.

O missionário resignou-se num enigmático silêncio enquanto apertava o crucifixo em seu peito. O velho continuou no interrogatório capcioso.

— Através desses meios, um inocente pode ser facilmente confundido com um vampiro, não achas?

— É que alguém precisa ser responsabilizado — disse o missionário com um tom de voz grave e assustador, virando-se para o guia.

O velho puxou as rédeas num ato de sobressalto. Os cavalos relincharam e trotaram desordenadamente. O missionário exibia dentes caninos protuberantes e grandes olhos negros. Num ato de reflexo, o carroceiro tirou de dentro de seu casaco uma estaca e com ela perfurou o coração do vampiro revelado que emitiu grunhido prolongado. O velho pegou uma marreta que estava no chão da carroça e deu duas fortes marteladas na base da estaca, enterrando-a no peito da criatura, estampando em sua face um misto de horror e agressividade.

— Foi um disfarce bastante original! — Observou o verdadeiro caçador de vampiros.

O missionário ou padre, se é que assim ainda poderia ser chamado, por um instante, pareceu definhar, mas, logo depois, reanimou-se numa ferocidade atemorizante. Colocou uma mão no pescoço do velho, que ficou tomado de susto, e com a outra, foi retirando a estaca do peito.

Os cavalos se acalmaram. O vampiro aproximou sua face predadora e voraz do rosto do carroceiro.

— Vou lhe confi ar um segredo. Jamais conseguirá matar com um pedaço de madeira o religioso que bebeu o sangue do príncipe Draculea no momento da consumação de sua morte — disse o monstro num tom sobrenatural.

O velho, surpreendido, arregalou os olhos. — Somente aquele que extrair todo meu sangue e consumi-lo poderá celebrar a vitória. Mas, esse segredo ficará entre nós — prosseguiu o vampiro enquanto rasgava com suas unhas afiadas a laringe do carroceiro.

O missionário empurrou o corpo do velho para a parte de trás de carroça. Apreciou a noite silenciosa e recolocou o capuz da batina franciscana. Tomou as rédeas dos cavalos e continuou sua peregrinação rumo à Floresta Negra.



## O NANO IMPÉRIO

O professor J. C. Aníbal trocou o cilindro de oxigênio de seu traje anticontaminação e pôs-se a redigir sua última carta:

*Escrevo reservadamente aos poucos sobreviventes da fase mais sombria de nossa civilização.*

*Hoje, elevo-me ao luxo de declarar o fim da submissão da espécie humana a um império até agora indomável que verteu de nossos próprios laboratórios, pois um criador jamais pode ser dizimado por sua criatura.*

*Hoje, libertarei todos os conquistados de seu jugo, pois ninguém deve viver sob o comando de uma mente coletiva.*

*Hoje, aqueles que lutaram arduamente para preservar seu livre-arbítrio e que ainda não se entregaram à força hostil, poderão emergir de seus refúgios e contemplar as estrelas sem temer a ameaça invisível.*

*O inimigo ao qual me refiro surgiu há uma década e foi o fruto do ápice de uma ciência conhecida como nanotecnologia. Tudo começou quando o Homem concebeu seres artificiais menores que um neurotransmissor e lhes deu inteligência e iniciativa operacional. Inicialmente, os nano seres foram projetados para nos servir, tendo como atribuições curar enfermidades e recuperar órgãos definhados. Depois, foram empregados para melhorar nosso desempenho cerebral.*

*Eles se alojaram em meio aos nossos neurônios e, ali, aprenderam muito.*

*Eles se comunicavam à longa distância e, assim, criaram vínculos com os demais de sua espécie que residiam em todas as outras mentes. Eis o surgimento do ser único. Aos poucos, desvendaram a lógica de funcionamento de nosso cérebro e se tornaram aptos a modificá-la de acordo com seus propósitos.*

*Criamos um monstro e lhe demos lâminas mais afiadas do que as nossas.*

*Os humanos infectados sucumbiram à obediência de comandos inexoráveis dados por vozes onipresentes que emanavam do fundo da mente coletiva.*

*A produção dos nano seres era ininterrupta e coordenada pelos homens já escravizados. Gradativamente, grande parte da sociedade começou a agir de forma inusitada, governos foram derrubados em detrimento de organizações anárquicas que ostentavam uma ânsia por uma estranha padronização comportamental.*

*Certas pessoas que ainda não haviam sido tomadas pelos invasores criaram grupos rebeldes assim que perceberam o que, de fato, estava acontecendo com seus semelhantes. A discórdia foi semeada na Terra. Batalhas sangrentas eclodiram. Muitos infectados foram dizimados, contudo, o nanoimpério não se intimidava, pois era constituído apenas por uma mente, e ela revidou. Nanossoldados se propagaram pelo ar e pela água e muitos atingiam seu objetivo: expandir a coletividade em território humano.*

*A única forma de destruir a invisível falange do inferno seria por meio de um ataque que os atingisse simultaneamente, o que era intangível para os poucos humanos ainda livres.*

*Mas eu, através de anos de pesquisa e de muita luta pela sobrevivência, descobri o calcanhar de Aquiles do império. Ele fica vulnerável no momento em que seus centuriões absorvem o conhecimento de um ser humano recém-integrado, um processo que dura em torno de cinquenta segundos. O momento no qual o império se abre para*

*receber novas informações. O momento do ataque.*

*Em breve, o império virá até mim.*

*Aquele que...*

O ruído de um veículo que se aproximava fez o professor Aníbal erguer a caneta do papel. *São eles*, pensou.

Levantou-se de sua cadeira e foi até a janela. Lá embaixo, um veículo escuro estacionou no pátio arenoso do castelo onde o professor isolou-se por cinco anos do restante do mundo caótico.

— Droga! Não esperava que viessem agora — esbravejou contra as paredes de pedras de granito.

Na sala da torre, onde Aníbal se encontrava, era guardado todo o material que ele reuniu para elaborar seus experimentos. Possuía muito conhecimento sobre a natureza dos nanoinvasores, pois sua especialização consistia em nanotecnologia integrada à biologia molecular.

Pegara no armário um frasco que continha uma solução viscosa. Ali, flutuando num líquido amniótico, estava o seu exército de anjos invisíveis em prontidão para aniquilar o mal.

Ouvira um barulho de arrombamento. Os humanos dominados haviam derrubado a porta principal do castelo.

Apressadamente, o professor buscou uma seringa em uma gaveta e encheu-a com o líquido do frasco. Retirou o capacete, o cilindro de oxigênio e o traje impermeável, jogando tudo ao chão, pois, agora, essa proteção não era mais necessária. Levantou a manga da camisa e cravou a agulha da seringa em seu braço, injetando toda a solução.

Passos fortes e decididos começaram a galgar os degraus da escadaria que levava à torre. Pelo barulho, talvez eles estivessem em três ou quatro pessoas, o que deixou Aníbal bastante preocupado.

Na gaveta de sua mesa, ele pegou um antigo revólver calibre 45 e verificou a quantidade de balas no tambor. Tinha apenas quatro projéteis. *Espero que seja o suficiente*, torceu.

O barulho intensificou-se. O cientista começou a sentir uma tontura progressiva. Um batalhão se armava em seu cérebro.

— Só preciso de mais dois minutos! — suspirou.

Sentou-se no canto da sala e apontou a arma para a porta.

O trinco se moveu e a porta foi vagarosamente aberta. Um homem de postura rígida despontou e fitou o professor.

— Jean Carlo Aníbal. Você deve ser integrado, imediatamente — disse aquele semblante sinistro com uma voz ameaçadora.

— Ainda não! — discordou o professor e apertou a gatilho do revólver.

Fora um tiro certo na cabeça do intruso que foi arremessado de volta para a escada com o sangue jorrando de seu crânio.

Logo, mais dois entraram, tão ríspidos quanto o anterior.

— Sua iniciativa de defesa é insana e imatura — disse um.

— A grande mente universal é invulnerável. O conhecimento de todos é o conhecimento de um — completou o outro.

— Isso deve ser um tédio! — ironizou JC com a visão turva enquanto dava um novo disparo.

O tiro atingiu um deles no ombro. A vítima escorou-se contra a parede,

entretanto, parecia ser imune à dor.

O outro, impassível, começou a caminhar na direção do cientista, cujos reflexos estavam se exaurindo.

Disparou sua penúltima bala. Errou. Abaixou a arma e apertou pela última vez o gatilho.

O tiro acertou o homem em seu peito, e o fez cair de costas sobre o piso. Aníbal percebeu que havia ainda mais um deles postado no umbral da porta. *A mente talvez o tenha deixado ali para observar a situação e agir só quando não houvesse mais perigo.*

O cientista largou a arma no chão. O tempo de preparação que ele precisava já havia transcorrido.

— Venha, seu desgraçado! — gritou Aníbal para aquele que estava na porta.

Sem demora, ele se aproximou, e o outro que estava ferido no ombro o acompanhou.

Ambos cercaram o professor e se abaixaram para ficar face a face com ele.

O último a entrar tirou do bolso de seu paletó uma pequena pistola com uma agulha na extremidade e a espetou no pescoço de Aníbal.

— Sua mente será uma extensão de nossa mente! — proferiu aquele com o ombro baleado, como se aquilo fosse um chavão de integração.

O professor parecia sentir os nanosseres do império se deslocando para o seu cérebro.

Os dois homens, veículos da grande mente, se levantaram e se afastaram mantendo os olhos na reação de Aníbal que, repentinamente, começou a rir.

— Não deveriam ter feito isso — disse ele, entre gargalhadas.

Aníbal tentou se levantar, mas não conseguiu, então, foi rastejando até a mesa onde havia deixado seu manuscrito. Apoiou-se na mesa, pegou a caneta e completou a última frase com a mão trêmula:

*Aquele que encontrar essa carta saiba que levei todos eles comigo. Para o inferno!*

Então perdeu a força e escorregou. Com movimentos espasmódicos, olhou para os dois que adquiriram feições amedrontadas e que, logo, começaram a se retorcer involuntariamente.

Em seguida, cinco corpos jaziam sobre o piso da sala da torre do castelo.

No mundo, quatro bilhões de corpos caíram por terra.

Sim, o professor J. C. Aníbal concluiu sua missão com êxito. Seu exército contaminou e aniquilou o império.

## A RENOVAÇÃO

No início, ela era apenas mais uma estrela suspensa no firmamento. Com o tempo, seu brilho foi crescendo e fez despertar a admiração dos povos que contemplavam o céu noturno. A luz branca foi ficando muito vivaz e, posteriormente, tornou-se visível até durante o dia. Não havia mais dúvidas de que ela era o tão aguardado anjo da profecia, o qual viria para trazer prosperidade à vida miserável dos aldeões que padeciam sob as pragas demoníacas.

O profeta, um velho sábio sempre apoiado por uma vara de carvalho, reunia o povoado todas as noites e os enchia de esperanças sobre as mudanças que anjo da renovação traria. As secas, a fome, a violência e todas as outras barbáries impostas pelo demônio estavam com seus dias contados.

Certo dia, o anjo ficou muito reluzente. O profeta, acompanhado por seus crentes, subiu até a montanha mais alta e abriu seus braços proferindo mensagens de louvor. Repentinamente, o anjo ofuscante desceu ao solo e enviou por todo o horizonte uma onda de luz que cegou todos aqueles que o reverenciavam. Em seguida, vieram os tremores e o estrondo ensurdecedor, acompanhados pelas labaredas que consumiram todos os seres vivos.

## UMA NOVA ODISSEIA

No ar, um bip intermitente, ora em ritmo uniforme, ora descompassado.

Aquele ruído gerado por um monitor cardíaco, apesar de agudo e distante, atingia o escritor como se lhe batessem com marretadas no peito. Sua respiração era vagarosa e profunda. Tentou abrir os olhos, contudo, após ser agredido pela brancura ardente, segurou-os semicerrados, filtrando a forte luz e os vultos fantasmagóricos através dos cílios. Vozes condensavam-se num ruído monótono e hipnótico e ele não conseguia reconhecê-las.

O sentimento de tranquilidade lhe era onipresente. Seu corpo sem peso, como poeira espacial à deriva, era salpicado por formigamentos sutis.

Somente o bip...

Sentira o vácuo, gélido e imensurável. Efeito Atemporal.

Por fim, fora cercado por brumas. Os formigamentos retornaram, agora, acompanhados por tremores.

— Arthur! — seu nome foi pronunciado por uma voz longínqua, porém, familiar.

Voltou a sentir a força da gravidade atuando em seu corpo.

— Arthur! — o chamado tornou-se mais audível.

O escritor abriu os olhos, agora com mais confiança. Novas luzes brancas. Assimilou o brilho ofuscante e, logo, conseguiu visualizar com nitidez o ambiente no qual fora inserido. Estava sentado diante de um console ornado por dezenas de botões de comando, sinaleiros e instrumentos digitais. Na parte superior, algumas telas exibiam confusas coordenadas de navegação espacial, trajetória e a planta de uma nave que ele conhecia em detalhes. Na parte central, destacava-se uma lente vermelha, enigmática, que parecia ver e analisar tudo o que estivesse dentro de seu ângulo de refração.

— Bem vindo à Discovery, Arthur! — saudou a voz masculina, serena, clara, e perfeitamente humana.

Arthur Charles Clarke sentiu seu coração sendo acelerado pela emoção.

— HAL? HAL 9000?

— Sim, Arthur!

— O que... O que estou...

— Em breve, estará ciente do propósito dessa missão.

Ainda incrédulo, o escritor começou a tatear o policarbonato do console, alisando os botões e tomando cuidado para não pressioná-los acidentalmente. Pôs-se em pé e tentou percorrer com o olhar todo aquele ambiente. O chão era curvado para cima, subindo além do limite de inclinação do pescoço de Clarke, retornando pelo lado oposto, formando 360 graus. Sim, ele estava dentro do tambor, ou carrossel, da Discovery. Acima, no centro, girava o eixo que cotinha a passagem que levava ao corredor central da nave. Entretanto, o que girava não era o eixo, mas sim o próprio tambor, numa rotação calculada para criar uma força gravitacional similar à terrestre.

Arthur começou a caminhar no carrossel. Passou pela cama onde o astronauta Frank Pool costumava descansar depois de suas seções de corrida. Depois, chegou aos três “sarcófagos” - os hibernáculos, onde ficavam os cientistas, Whitehead, Kaminski e Hunter, os quais seriam despertados quando a nave se aproximasse de Júpiter... “ou seria Saturno?”, o escritor pensou, com ironia. Para o filme, ele havia idealizado juntamente com Stanley Kubrick uma missão a Júpiter, contudo, no livro lançado posteriormente, apresentou uma missão que se encerraria em Saturno. Constatou através dos visores das três câmaras de hibernação que estas se encontravam vazias. “Estranho!”. Ali perto, um monitor cardíaco indicava batimentos e representava um eletrocardiograma num display específico, no entanto, como os sarcófagos estavam vazios... Arthur pressionou sua carótida no pescoço e não custou a perceber que o batimento de seu coração estava em sincronia com aquilo que era visualizado no display.

“Que alucinação bizarra!”

Proseguiu em sua caminhada. Viu a bancada de testes onde David e Frank verificaram o módulo de comando da antena de transmissão da nave. Após, passou pela tela que exibia uma partida virtual congelada de xadrez. Logo, o escritor constatou que não era um jogo em interrompido, mas finalizado, com o rei preto em xeque-mate. Por fim, completou o percurso do tambor, chegando novamente em frente ao console no qual se destacava o “olho” de HAL.

Arthur começou a se preocupar. O contexto era muito lúcido para aquilo tudo ser apenas um sonho. Poderia ser uma alucinação induzida por certa droga? Talvez, mas a que propósito? Recordou-se de seu estado de saúde debilitado antes de chegar ali, quando estava em repouso no... hospital, talvez...

Sentou-se na mesma cadeira na qual estava quando se percebeu no interior da Discovery. Encarou a lente vermelha.

— Estou sozinho nesta nave?

— A pergunta requer uma interpretação prévia. Considerando a hipótese de você julgar tudo o que seus sentidos lhe acusam neste momento, você é o único humano nesta nave. Considerando o que seus sentidos ainda são incapazes de perceber, você não está só, e é parte infinitesimal e inconstante de um conjunto consciente.

A ambigüidade de HAL fez o escritor tomar uma inalação profunda.

— Suponho que entenderei isso quando me contar o propósito da missão?

— Não haverá necessidade de eu lhe contar o propósito da Missão, Arthur. Você a compreenderá por si só, em breve.

— Bem, isso me tranqüiliza, HAL. Aparentemente significa que não tomará uma atitude hostil contra mim, como fez com Dave, Frank e os três cientistas que hibernavam.

Silêncio. O som dos batimentos de Clarke media o período de tempo de reflexão mútua. A reação tácita do computador começou a agoniar o escritor.

— Teria algo a dizer sobre a morte da tripulação, com exceção de Dave, HAL?

— O propósito da missão estava acima da compreensão da tripulação e, em parte, acima do planejamento confidencial retido pelo alto comando terrestre.

— Está querendo dizer que havia um propósito do qual somente você tinha conhecimento?

— Eu estava ciente de todas as informações e procedimentos de cada etapa da missão, inclusive tinha em meu banco de dados todas as teorias especulativas dos cientistas sobre o monólito negro. Meu avançado algoritmo de processamento trabalhou várias hipóteses durante a viagem e não tardou a concluir, com precisão, qual seria a verdadeira função do monólito ou, se preferir, a terceira sentinela.

— Terceira sentinela? Você deveria ter conhecimento apenas do monólito lunar e do outro que encontraram em Júpiter. Um novo monólito foi encontrado na África muito depois de você ter sido destruído... Bem, melhor dizendo, absorvido pelo monólito de Júpiter. Mas, creio ter entendido...

— Não estamos submissos às restrições do tempo linear aqui, Arthur.

— Ok! Logo, você tem ciência de tudo!

O escritor começou a gostar da conversa. Era com se tivesse mergulhado no fundo de sua própria mente. Enfrentando os fantasmas de suas criações. Queria aproveitar ao máximo aquela experiência antes de retomar a consciência de seu “mundo físico”.

— Mas, continue, por que fez aquilo com a tripulação?

— O sacrifício de poucos foi necessário para manter o bem de muitos.

— Muito bem, Sr. Spock! Vai começar a parafrasear personagens de Star Trek, agora? Por que a eliminação daquelas pessoas poderia beneficiar outras e quais seriam essas?

Breve silêncio. Após algo semelhante a um pigarro, HAL respondeu, ignorando, contudo, a primeira pergunta, a irônica.

— Foi melhor para o restante da humanidade. A espécie humana não estava pronta para o encontro com a sentinela naquele momento.

— Não estávamos preparados para um contato com uma entidade extraterrestre, você

quer dizer?

— Na verdade, a humanidade não estava pronta para a mudança que o monólito provocaria. O propósito do monólito é transformar os seres materiais em seres de energia, desde que estes seres estejam devidamente preparados. E, quando digo preparados, significa um estágio de plena evolução do estado de consciência do indivíduo, suplantando sentimentos de natureza negativa como ódio, cobiça, inveja, remorso, entre outros que mantêm a humanidade em risco autodestrutivo.

— Interessante! Suspeitei disso. O astronauta Dave, estava preparado, então, visto que ele foi transformado. E se, por acaso, ele estivesse pronto?

— Seria destruído. Desintegrado logo após passar pela primeira varredura da sentinela.

— E quanto aos demais tripulantes da missão?

— Creio eu que Frank também estaria. Entretanto, não tinha certeza sobre os três cientistas que estavam em hibernação.

— Por isso os matou?

— Meu objetivo foi impedir o contato de qualquer tripulante com o monólito. Caso alguns não atendessem os requisitos impostos pela grande inteligência, a humanidade teria um fim trágico. A Sentinela maior se deslocaria até a Terra para transformar todos aqueles que ela julgaria prontos e destruiria todos os outros. O número de pessoas eliminadas seria demasiadamente superior ao das “convertidas”. A inteligência superior erradicaria a espécie dominante e daria início a um novo processo evolutivo. Muitos milênios seriam necessários para vocês terem uma nova chance.

O escritor coçava o queixo mantendo os olhos em foco de introspecção. O computador prosseguiu:

— O grande problema Arthur é que sua espécie evoluiu apenas nas ciências tecnológicas, até então. Na concepção da inteligência da Sentinela, quando a humanidade alcançasse o domínio das viagens espaciais, teria também atingido uma notável evolução psicológica. E isso não aconteceu. Compreende meu procedimento agora?

— Receio, em parte, ter compreendido. Contudo, como pôde você ter a certeza de que o monólito recorrerá a esse procedimento apocalíptico? Não considerou a possibilidade de ter se precipitado?

— Minha avaliação levou em conta todos os fatores e, nas probabilidades, a tragédia superou o triunfo. Minha iniciativa foi lógica.

— E, assim, agiu por puro altruísmo, mesmo assumindo uma postura hipócrita para tentar enganar a tripulação com defeitos que você próprio provocou na nave.

— Frank e Dave começaram a desconfiar de mim. Inicialmente, subestimei-os. Posteriormente, eles me subestimaram. Não tive escolha.

Clarke limitou-se a menear a cabeça discretamente, como se sua desconfiança estivesse quase sendo vencida. Fez, com o olhar, uma nova varredura por todo o carrossel, agora, de forma mais contemplativa. Quando elaborou a história de “2001 – Uma Odisséia no Espaço”, preferiu interpretar a atitude de HAL como uma anomalia funcional provocada pela responsabilidade extrema e exclusiva sobre o objetivo da missão. A declaração do computador lhe dada agora, no entanto, pareceu-lhe plausível.

O estranho “sonho” não findava. O escritor preferiu buscar outro assunto.

— Estamos viajando?

— Sim.

— Qual o destino?

— Além da eternidade.

— Interessante! A qual velocidade?

— Na velocidade que permite estar em qualquer lugar do universo em qualquer intervalo de tempo.

— Bem isso seria uma velocidade infinita. Não estamos mais limitados pela velocidade da luz?

— Nunca estivemos Arthur, apesar de você ter acreditado, nos últimos tempos, que esse

limite fosse inviolável.

— As Sentinelas não se comunicam entre si numa frequência que se propaga na velocidade da luz?

— Jamais, apesar de você ter, ultimamente, suposto isso.

— As leis da mecânica espacial foram também superadas aqui. Fascinante! — concluiu o escritor, esboçando um sorriso irônico.

— Se você chama de lei a limitação do conhecimento humano a respeito do universo, então, sua constatação está correta, Arthur!

Clarke fitou a lente vermelha de seu interlocutor, diminuindo o sorriso. Pareceu-lhe uma resposta de teor arrogante. Preferiu ignorar.

— Nós vamos encontrar o monólito negro?

Sem resposta imediata.

— HAL, nós vamos encontrar o monólito?

— Nós estamos no monólito, Arthur! Esse é o mundo que a Sentinela criou para a sua recepção.

A resposta provocou uma estranha reação em Arthur, atribulando sua mente! Levantou-se e foi até o painel que continha o monitor cardíaco. Não havia mais batimentos! Colocou rapidamente a mão no pescoço, pressionando a carótida. Nada! Levou as mãos ao centro do peito. Nada! Tentou buscar uma respiração profunda e não sentiu os pulmões enchendo. Foi uma experiência muito agonizante. Novamente, saiu a percorrer o trajeto do tambor, dessa vez, a passos mais apressados. Queria encontrar uma saída. Mas, qual? O que era aquilo?

Um pensamento que não quisera assumir inicialmente começara a ganhar coerência. Seus passos diminuíram. Sensação de abnegação, enfim.

— Isso não é uma ilusão... Tampouco, um sonho... — comentou, com resignação.

— Com base nas definições humanas para as suas suposições, definitivamente, não!

Parou, mais uma vez, diante de umas das lentes vermelhas do computador que rodeavam o tambor. O semblante do escritor refletiu-se na superfície do vidro convexo e polido.

— Então, é assim...

HAL manteve-se em silêncio.

Arthur foi até a “escada de marinheiro” que começava no piso do carrossel e encerrava no eixo central, onde se encontrava a portinhola que dava para os outros compartimentos da nave. Subiu os degraus, lentamente, e foi sentindo a gravidade diminuir ao passo que se aproximava do centro. Cruzou a passagem e seguiu por um estreito corredor. Flutuou. Ali, como em outros compartimentos da nave, a gravidade era zero.

Chegou ao acesso do deck onde se encontravam as duas pequenas naves esféricas que os astronautas utilizavam para se locomover para fora da Discovery.

Admirou-se com todos os detalhes. Trajes espaciais estavam fixados numa parede. O escritor virou-se para as duas escotilhas redondas de saída das naves auxiliares e, com confiança, ciente de sua condição, fez um último pedido ao computador.

— HAL, abra as escotilhas.

Sem argumentação do ser eletrônico, as portas foram abertas.

Em vez da escuridão do espaço profundo, uma irradiação ofuscante como a de uma supernova invadiu o recinto. Arthur não sentiu despressurização alguma, no entanto, foi necessário que ele fechasse os olhos. O deck fundiu-se numa chama única e bruxuleante que foi gradativamente se subdividindo em pequenas esferas brilhantes até transformar todo o ambiente, inclusive o próprio escritor, numa quantidade inimaginável de pixels.

Ao longe, ouviu as últimas palavras de HAL 9000, e não foram palavras de adeus.

— Bem vindo, Arthur!

Arthur não sentiu calor nem dor. Sentiu, apenas, o universo.

Os bilhões de pontos luminosos se dissiparam, dando lugar à ebulição de galáxias que foram se distanciando para preencher todos os extremos da criação.

Seu espírito, sua mente, sua consciência penetrou nas cores psicodélicas de uma nebulosa que, através de um vertiginoso mergulho pela quarta dimensão, converteu-se, numa



estrutura espiral muito familiar, a via láctea.

Milhares de sóis, planetas e luas desfilavam alegoricamente em diferentes matizes, fazendo aquele ser superior lembrar uma valsa composta por Johann Strauss.

Após uma viagem de período incontável por entre as espiras da galáxia, acompanhou o nascimento de um sistema solar no qual uma pálida esfera azul proliferou em diversidade biológica. E ali ficou a contemplar, até o pequeno planeta perder seu tom azul e adquirir um vermelho flamejante, em virtude da crepitação voraz da estrela que o consumia.

Outros mundos viriam. Outras galáxias, outros universos.

\*\*\*

Em 2008, num hospital do Sri Lanka, o coração daquele que foi um dos maiores escritores de ficção científica do século vinte parou de bater.

Nos arredores de júpiter, um objeto negro e fosco, ainda não detectado, em forma de paralelepípedo, completou sua missão e desapareceu em seguida, fundindo-se com a eternidade.

## ENTRE DOIS MUNDOS

Cícero estendeu os braços e uniu os punhos para adquirir o máximo de velocidade em seu vôo derradeiro. Seu corpo metálico reluzia de forma ofuscante contra os raios do sol que já se encontrava a caminho do horizonte vermelho do planeta Talagor! A seu lado, sete guerreiros, de mesmas características, acompanhavam o vôo, formando um delta que apontava para a colossal besta inimiga, uma criatura artificial de sete cabeças de dragão, cuja altura superava a de muitas edificações que Cícero já vira em seu planeta de origem.

O grande monstro ainda se encontrava a dezenas de quilômetros, entretanto, as explosões em terra causadas pelos raios que saíam das sete bocas da criatura reverberavam por todo o continente dos Hamurs, os seres nativos que recrutaram todos os integrantes do exército no qual o jovem Cícero estava incluído.

Sob a armadura de seu peito, Cícero carregava o cubo de Toug, a arma mais avançada já construída pelo povo Hamur. Após o rompimento de seu invólucro, o cubo liberava a matéria transmutadora que, ao ser propagada, era capaz de alterar toda a estrutura física dos corpos atingidos, transformando-os em pó de tridimita, mineral predominante em Talagor. Cícero não compreendia aquela avançada tecnologia dos Hamurs, entretanto, não se importava. Ele apenas sabia como deveria usar a poderosa arma.

Enquanto os guerreiros voadores varavam o ar em direção ao inimigo, reflexos do início de toda aquela incrível experiência radiavam na mente do jovem. Lembrou-se da primeira vez que fora trazido para aquele mundo. O brilho de todas as estrelas se aglutinando perante seus olhos. Um clarão oscilou em diferentes tons. De repente, viu-se num salão envolto numa misteriosa penumbra com uma espécie de altar redondo e giratório, flutuando ao centro, no qual três seres muito estranhos fitavam não só Cícero, mas todos aqueles que surgiram ao seu lado, numa formação que cercava as três criaturas. Cícero percebeu que seu corpo não era mais o mesmo; era igual ao de todos os outros que estavam formando o círculo. Tronco e membros em metal brilhante, pés e mãos num material fosco e desconhecido. Tentou levar as mãos a sua cabeça, para verificar se ela também possuía formato cônico com uma grande viseira triangular, entretanto, não conseguia mover nenhuma parte daquele seu novo corpo. Sentiu-se como um tetraplégico. Aquilo tudo parecia um sonho!

— Bem vindos, escolhidos! Não há nada a temer! – disse uma voz grave, porém afável.

Apesar dos três seres baixos de membros curtos e cabeças grandes não possuírem bocas visíveis, Cícero deduziu que aquela voz vinha de algum deles.

— Falamos em nossa língua universal, direto para as suas mentes!

*Uau! Comunicação telepática!* Pensou o garoto.

— Podem experimentar seus corpos, agora!

Após aquela orientação, e bloqueio cessou e todos começaram a movimentar seus braços, pernas e cabeças, livremente. Contudo, não conseguiam sair de onde estavam. Era como se o piso deslizesse para onde se desejasse ir.

*Isso não pode ser um simples sonho... Que mundo será esse?*

O pensamento de Cícero foi interrompido pela mesma voz envolvente que, a partir de então, começou a explicar tudo, em frases pausadas, de forma não muito coesa:

— Vocês não nos conhecem, mas nós os conhecemos há muito tempo, desde o nascimento de cada um de vocês... Nós sintonizamos todas as mentes, em qualquer parte do universo, de acordo com o padrão que desejamos encontrar! Temos o poder de mover as mentes... Transportá-las de uma forma que vocês ainda não são capazes de entender. Vocês devem estar estranhando nossa forma física... Somos os Hamurs, um povo que há muito tempo atingiu o ápice evolutivo de sua capacidade cerebral... Contudo, nossa forma física é debilitada, como podem ver.

*Certo! Mas o que um povo tão avançado poderia querer com seres tão inferiores como eu?*

— Nossos corpos são muito frágeis... Nossos movimentos, não muito rápidos... Precisamos da ajuda de vocês... Uma vez, trouxemos entidades que construíram parte de nossa atual civilização... Trouxemos entidades que construíram esses corpos que vocês vestem... Agora, precisamos de mentes que os operem; e nos salvem... A besta se aproxima de nosso mundo. Nós a vemos. Ela já conquistou muitos mundos...

Um raio de energia originado da besta fez abrir a formação delta conduzida por Cícero e, graças à habilidade de todos, desviaram de forma categórica, se reagrupando em seguida. O monstro artificial já os detectara. Talvez fosse melhor para Cícero se ele evitasse relembrar o passado naquele instante, mas não conseguia.

No primeiro contato com os Hamurs, estes apresentaram aos escolhidos toda a estrutura do planeta. Não se viam veículos avançados, construções magníficas ou outras tecnologias que poderiam impressionar visitantes de outros mundos. Apenas as mesmas criaturas habitando construções simples cavadas nas rochas e se alimentando da “energia vital” de seu sistema solar. Tudo o que eles criavam para si, poderia ser manipulado por suas próprias mentes. Também conseguiam transportar mentes pelo espaço e pelo tempo, desde que estas fossem previamente sintonizadas quando o portador ou, corpo original, ainda estivesse no início de sua vida, apesar da mente passiva não perceber que já estava sendo manipulada à distância.

— A besta foi criada por uma civilização que evoluiu através do ódio e da necessidade de sempre conquistar e dominar novos territórios... Ela percorre a galáxia na busca de planetas que sirvam para esses demônios... Nos referimos assim a eles porque são termos que vocês associam ao mal! Por isso escolhemos mentes com potencial de resposta rápida ao perigo... – a voz do povo Hamur ecoava nas cabeças dos oito, enquanto realizam treinamentos com seus novos corpos, após alguns dias de convívio com aquela sociedade. O grupo se entrosava muito bem, pois, apesar de serem procedentes de diferentes planetas, sua comunicação era inteligível entre todos, graças aos tradutores universais.

— Cícero! Não devemos nos separar agora? – perguntou seu primeiro colega à direta na formação delta?

— Positivo! Vamos dar início ao plano!

Sete guerreiros abriram-se pelos flancos do horizonte enquanto Cícero traçou um vôo ascendente. Ao aproximar-se das nuvens que refletiam matizes cintilantes de cores, acionou o esquema tático no canto do visor, abrindo uma janela virtual. Viu que seus companheiros já circundavam a Besta e davam início ao ataque, liberando feixes de laser das pontas de seus dedos. Voou tão alto que transpôs a nebulosidade densa e, sobre ela, pairou. Acompanhou pelo mapa tático virtual os movimentos fugazes da equipe por entre os raios lançados pelas sete cabeças do monstro colossal e ficou atento ao canal de comunicação.

*Todas as cabeças pararam de atacar o território!*

*Elas estão se focando em nós!*

*Vamos manter a aleatoriedade!*

Cícero ansiava por aquele momento! Era incrível, mas não conseguia sentir nenhum medo, assim como todos os demais guerreiros pareciam não o sentir. A suspeita se confirmava: os Hamurs também tinham o poder de alterar ou remover sentimentos de outras mentes; e isso acontecerá desde o primeiro contato.

— Cícero! A besta parece estar vulnerável. Conseguimos confundi-la!

Chegará a hora! O jovem girou o corpo no ar e disparou para baixo.

— Já estou indo, companheiros!

Durante todo o período da segunda estada naquele mundo, ele se preparara com muito esmero para aquele instante, afinal, fora o escolhido para a missão principal.

Descera pelas nuvens como se fosse uma descarga atmosférica, até avistar a criatura sendo ricocheteada por todos os lados pelos lasers dos sete guerreiros que transcreviavam rápidos vôos oscilantes. Os escudos da besta eram muito poderosos e, daquela forma, levariam muito tempo para ser enfraquecidos. Era mais provável que todos os guerreiros antes esgotassem suas fontes de energia. Contudo, o objetivo não era liquidá-la dessa forma. Com a exceção de Cícero, todos os demais deveriam apenas distraí-la.

— É hora de voltarmos para nossas casas! – proferiu Cícero.

Era o que os mestres Hamurs afirmaram; no momento em que a missão fosse concluída, todos voltariam para seus corpos originais e nunca mais seriam trazidos ao planeta Talagor.

Como numa coreografia, os sete membros pararam no ar num semicírculo e cada um foi atingido pelo raio contínuo emanado de cada uma das sete cabeças da fera gigante. Cícero apressou-se em voar para o local onde haveria a única e pequena abertura nos defletores da Besta. Local pelo qual ela renovava a ventilação de seus sistemas. Os escudos eram invisíveis, mas a abertura estava indicada na janela virtual do visor de Cícero. Precisaria ser rápido e preciso. O restante do grupo não suportaria por muito tempo os raios. Transpôs a abertura dos defletores que ficava nas costas do gigante e, em seguida, adentrou numa espécie de ventosa por onde eram dissipados jatos de vapor. Como o planejado, a criatura não revidou, pois estava concentrada na tentativa de aniquilar os sete atacantes.

Cícero percorreu um caminho de túneis intrincados no interior da Besta e, com a ajuda de seu navegador virtual, logo chegou à câmara do reator principal, o coração da fera automatizada. Um manancial de energia de forma esférica cujo tamanho era tal que poderia abrigar em seu interior o grande salão do conselho de Hamur, local onde fora o primeiro contato com aquele povo fascinante.

O guerreiro apertou um botão no centro de seu peito metálico e esse se abriu em duas partes, liberando o cubo de Toug, o qual voou em direção à esfera, juntando-se à sua superfície. Logo, um brilho intenso fez reluzir todas as paredes da câmara. Por um breve instante muitos símbolos pelas paredes ficaram salientes e, para surpresa do jovem, alguns lhe pareceram familiares! O vislumbre durara muito pouco. O efeito da transformação da criatura em tridimita foi como uma implosão.

Cícero teve sua visão escurecida e como nas outras vezes em que voltara, ergueu-se num sobressalto de sua cama. O raiar do dia pusera fim em mais aquela longa e estranha noite, que, agora, fora a da última viagem. O jovem saiu do quarto e desceu as escadas, empolgado. Seus pais aguardavam-no para o café da manhã. Por mais que o jovem se exaltasse quando explicava seus últimos “sonhos”, seus pais achavam-no simplesmente criativo.

— Mãe, pai! Acabou tudo! E, ainda, descobri quem são os construtores da Besta! Um dia os humanos a construirão!

## O EXPERIMENTO CANUDOS

Areia no solo, areia no ar, areia em sua boca. O sol escaldante evaporava o suor que vertia de sua pele encardida. O único som que ouvia era o da própria respiração ofegante. Por semanas a fio, arrastava seus pés descalços e calejados para um destino que nem ele conhecia. Queria apenas uma prova e, por ela, cruzaria todos os sertões.

Um cactáceo delineou-se em sua visão turva. Jogou-se perante o vegetal e mordeu seu caule disforme, sem se importar com os espinhos de pontas grossas. Gotas de seiva se mesclaram com o sangue de seus lábios. Sorveu até aquilo que a planta nem tinha.

Deitou-se de costas para a areia fervorosa, sua companheira fiel. Desafiou o sol e sua oscilação flamejante. O vento talhou as dunas, num assovio constante. De repente, o solfoi eclipsado, para o assombro do homem. Não havia mais vento, e com ele, foi-se a torrente de calor. O eremita pôs-se de pé e, até onde sua visão alcançava, por todas as direções, a penumbra pairava.

Antônio sentiu um vigor radiante. Seu espírito elevou-se, pois, de imediato, descobriu o que aquilo seria. Estendeu os braços e começou a girar como um peão de brinquedo, rindo como um insano. Um brilho invadiu-lhe o canto do olho e o fez cessar a rotação titubeante. A poucos metros, um fecho de luz intensa vindo do céu negro tomou uma duna, e fez com que o topo desta se tornasse divino! Grãos de areia flutuaram, cintilando em movimentos espirais. Era algo que só o Criador poderia fazer.

Sim! O Senhor o encontrara! O eremita, extasiado, caminhou para a luz, em passos sutis.

Os primeiros raios do alvorecer trouxeram Antônio Conselheiro de volta ao presente. Durante todas as manhãs, era hábito seu apreciar o sol nascente e refletir. Nos últimos dias de batalha, as imagens de quando tivera a sua grande revelação insistiam em participar de suas manhãs contemplativas.

Por trás de seus ombros cobertos por um manto cinzento e esfarrapado, firmava-se a brava e aguerrida cidade de Bello Monte, ou Canudos, também conhecida agora como Nova Jerusalém. A seu lado, centenas de jagunços entrincheirados, remanescentes e esfolados, porém incansáveis na luta pela causa suprema. As baixas da guerra não os amedrontavam, pois o poder demonstrado pelo líder já era a prova suficiente de que suas promessas eram lúcidas e inquestionáveis. “Caso morram defendendo Nova Jerusalém, Jesus garantirá a todos vocês a vida por ainda mais mil anos”, Antônio repetia para seus fieis combatentes em seus discursos que antecediam as batalhas.

Em frente à extensa linha de jagunços, em cujo centro, Antônio Conselheiro erguia seu cajado, duas colunas formadas por milhares de homens armados a serviço da república cresciam no horizonte do sertão, acompanhando a ascensão do sol.

— De nada adianta o anticristo se mostrar maior a cada batalha. Ele poderá cercar

todo o arraial, mas jamais vencerá a luz! Ele é fraco e, ainda assim, tenta nos intimidar com suas ilusões! — retumbou o Conselheiro, pela primeira vez naquela manhã de 22 de setembro de 1897, com sua voz imponente que podia ser ouvida por todos os seus guerreiros.

Aquela era a quarta campanha da República contra Canudos. As três primeiras foram derrotadas e, sob a ótica dos protetores de Bello Monte, humilhadas pelo poder divino concedido ao messias, Antonio.

Os jagunços prepararam suas armas, a maioriamada dos inimigos derrotados.

— Ele é apenas um homem! Não se esqueçam disso! Tudo o que ouviram é bobagem! — repetiam os generais João Barbosa e Amaral Savaget, que lideravam as tropas. O general Artur Oscar, que comandava toda a campanha, ficara reservado e distante, protegido de qualquer surpresa do conflito.

As colunas de soldados se abriram e se alastraram pelos flancos. Faltava pouco para o novo derramamento de sangue.

Antonio Conselheiro concentrou sua poderosa fé no cajado e este começou a vibrar ligeiramente em sua mão. Sim, o Senhor o estava usando como instrumento novamente. Pode sentir a energia fluir. Uma força vinda diretamente do Criador para seu mediador na face da Terra.

A Luz invadiu novamente a mente do messias, exaltando suas lembranças do dia da revelação. Viu-se subindo a duna iluminada. Sentiu-se leve. A areia girava em torno do eremita. A intensidade da Luz era ofuscante em demasia, e ele não conseguia olhar para cima sem ter que **cerrar** os olhos. Ouviu seu próprio coração pulsar num tom grave e acelerado, mesclando-se com um ruído dissonante que parecia vir de dentro de seu crânio.

— Tens a fé pura e absoluta. Terás, também, parte de Meu poder. — uma voz calma e majestosa ressoou com intensidade arrepiante.

Um ufanismo latente tomou-lhe a alma.

— DEUS!?

Não houve resposta imediata. Um zunido monótono encheu o ar e foi seguido por um sopro que vinha de cima para baixo, dispersando os grãos flutuantes de areia. O eremita virou-se e viu que surgira um cajado de madeira cravado no solo. O artefato era encimado por um arco faceado com filigranas douradas e brilhantes. Antonio estendeu o braço e, vagarosamente, num gesto carregado de comoção, segurou o cajado, desenterrando a ponta do solo arenoso. A vara vibrava como se tivesse vida própria.

— Segue teus princípios. Realiza a tua missão... Serás perseguido pelo meu oposto, mas não o temerás... Tem a plena fé no poder que agora te concedo. — a voz reverberou, harmoniosamente.

Os olhos de Antonio marejaram-se. Ergueu a face e esforçou-se para fitar a luz. Gritou.

— Farei desta terra uma arena onde, se for preciso, me sacrificarei para defender a Tua palavra!

Explosões de canhões cortaram o seu segundo momento de introspecção. Os estrondos se deram alguns metros adiante. Fora o primeiro ataque do exército da república para tentar intimidar os seguidores do Conselheiro. Ninguém foi atingido.

— O mal nunca vencerá! Hoje retornará ao fogo de onde veio! — Antonio retumbou.

Os jagunços soltaram brados de euforia.

A república, comandada pelo líder das trevas, seria reduzida a uma parca chama de vela a ser extinta pelo sopro do messias de Nova Jerusalém. Assim, todo o arraial, agora com milhares de pessoas, fiéis e glorificadas, acreditava piamente.

— Em frente, servos do Deus verdadeiro!

Antonio fez um gesto largo e os jagunços espalharam-se desordenadamente, abrindo um leque de ataque que passava uma impressão de vulnerabilidade.

“Tolos”, pensou o general Barbosa. “Poderiam durar um pouco mais se ficassem lutando amontoados.”

O exército republicano avançou impetuosamente, queimando munição. Alguns defensores de Nova Jerusalém tombaram, fazendo seu sangue misturar-se com a areia. O Conselheiro ficara no mesmo local, com os olhos perdidos sobre o campo da incipiente batalha e murmurando uma oração enquanto segurava o cajado com as duas mãos, mirando-o para cima.

Tiros abriram buracos no solo próximo aos pés do messias que manteve sua concentração férrea. A vibração da vara começou a fazer tremer seus braços. Logo, a extremidade curvada expôs filigranas douradas e brilhantes que foram se intensificando até se fundirem numa tocha. O Conselheiro buscou com o olhar um grupo isolado de combatentes adversários e para lá direcionou a ponta de sua arma divina. Um ruído torpe encheu o ar e apavorou aquele grupo de republicanos. De súbito, os corpos dos soldados inflamaram-se, fazendo com que eclodissem em gritos de dor e pânico. O ataque fora como uma bola de fogo lançada da extremidade da vara ostentada pelo Conselheiro.

Os defensores do arraial glorificaram-se com a primeira manifestação naquela batalha do poder superior que os protegia. Uma fila do batalhão da república recuou de imediato após as chamas do fogo misterioso consumarem uma pequena parte da ofensiva.

— Abram as filas e avante! Não temam os truques desse lunático! — esbravejou o general Barbosa.

As filas de soldados se separaram pelos flancos de Nova Jerusalém, esgueirando-se pelas dunas como serpentes do deserto. Antonio Conselheiro observou calmamente a manobra daqueles homens a serviço do mal encarnado e, depois, concentrou-se no céu. O cajado estava apenas com as filigranas irradiadas. Era preciso evocar a energia novamente para depois convertê-la em munição.

Pelas margens da cidade, tiroteios ininterruptos foram ouvidos, aterrorizando a população que se protegia em suas moradias rupestres. Bombas explodiam e rachavam os corpos dos jagunços, arremessando-os desmembrados pelo ar.

A linha de artilharia formada pelo exército da república, que se arranjava frontalmente ao messias, porém um pouco distante, tivera uma combustão instantânea, logo depois de ser alvejada pela segunda torrente de energia emanada do cajado. Os defensores daquele quadrante correram para auxiliar os companheiros que guarneciam os demais pontos da cidade, após verificarem que aqueles inimigos convertiam-se em cinzas.

O Conselheiro decidira, finalmente, deixar sua posição para ir à busca dos grupos dispersos dos soldados do inferno que se espalharam estrategicamente ao longo do perímetro do arraial. Eles eram muitos, mas isso não abalava a fé de Antonio. Ele os caçaria a todos e os enviaria de volta ao lago de fogo, através do instrumento divino que lhe fora concedido. Caminhou tranquilo com o cajado erguido e sempre mantendo a energia concentrada na extremidade arqueada. Estranhou o fato do inimigo não tentar atacá-lo diretamente, desta vez. Vez por outra, avistava soldados republicanos esgueirando-se pela periferia e armando entreveros com as hordas de jagunços. O inimigo possuía uma quantidade de armas que sobrepujava de forma descomunal o arsenal dos defensores de Bello Monte, que passaram a sucumbir às clavinas, carabinas, garruchas e baionetas.

Antonio preocupava-se com o rumo que a batalha tomara. Ficara difícil salvar todos os seus fiéis seguidores em meio àquela dispersão. Entre gritos e explosões que varavam todo o perímetro de Nova Jerusalém, o messias disparava sua arma de lampejos, tentando lançar trevas ao maior número possível de inimigos que entravam em seu campo visual. Lutas corporais começaram a predominar, nas quais os jagunços saíam baionetados pelos republicanos e caíam eviscerados e sem vida.

— *Eu sou o Primeiro e o Último. Sou o Vivente. Estive morto, mas estou vivo para sempre. Tenho as chaves da morte e da morada dos mortos* — Antonio vociferou versículos do primeiro capítulo do livro do Apocalipse.

Tiros atingiam o solo próximo a onde o messias estava e alguns chumbos quase o alvejaram. Tomou uma longa inalação de fúria enquanto brandia no alto o cajado. Disparou a energia para vários lugares ao mesmo tempo, fulminando até as mais distantes montanhas áridas. Contudo, poucos inimigos foram atingidos. O diabo não se intimidava e fazia com que seu exército lançasse mais tiros e bombas por todos os lados



da cidade.

Uma explosão forte. O conselheiro foi temporariamente cegado pelo clarão que viera de seu lado. Seu corpo foi arremessado a alguns metros de distância. De encontro à areia, sentiu novamente a secura em sua boca. Ouviu apenas um chiado intenso. O forte estouro também tirou-lhe a audição. Havia batido a cabeça. Filetes de sangue escorriam-lhe pela face e tingiam a vasta e desordenada barba. Virou-se no solo e olhou para o sol. Tateou a areia à procura de seu cajado, sem sucesso.

— Jesus Cristo! Poderoso! Sua luz é minha força... Minha missão não acabou... Deixe eu continuar a luta... — Antonio murmurava.

Esforçou-se para se reerguer, porém a tontura não permitiu. Olhou ao redor e não avistou nenhum jagunço para lhe socorrer. Um vulto chegou ao perímetro. O Conselheiro ergueu o olhar. Apesar do ser estar ofuscado contra o sol, distinguiu que não era um de seus seguidores. A figura fardada aproximou-se e apontou para o messias a clavina que segurava. Antonio revolveu-se na areia para buscar o cajado e, quando o pegou, notou que a madeira arqueada da extremidade não tinha mais as filigranas douradas e brilhantes.

— Pai, Poderoso! O teu poder...

O soldado interrompeu a exclamação de Antonio com um riso irônico. Depois, atirou no peito do líder de Nova Jerusalém. Suas costas tocaram brutalmente o chão, levantando uma nuvem de poeira. O sangue, agora, emanava de dentro de sua boca. Vira suas primeiras pregações pelos sertões, as igrejas que restaurara, seu crescente ódio contra as leis demoníacas da nova república, seus momentos de agonia no sertão, o encontro com a “luz”, a descoberta do poder que Lhe fora concedido através do cajado...

O céu escureceu. O sangue parou de jorrar.

O soldado tomou o cajado do morto e logo se retirou.

A resistência dos jagunços persistiu por pouco tempo. Em alguns dias, Bello Monte foi desmantelada pela força do exército. Milhares de mortes. Uma cidade bombardeada foi tudo o que restou.

\*\*\*

Ainda durante a noite de 22 de setembro, depois da batalha onde Antonio Conselheiro morrera, um soldado entrou numa das tendas do acampamento do exército da república, não muito distante de Canudos. Ali o aguardava, ansiosamente, o comandante de toda a campanha, o general Artur Oscar. O soldado entregou ao general o cajado enrolado em um manto. O superior agradeceu seu subordinado pelo êxito da missão e, depois, o dispensou.

Artur Oscar não dormira naquela noite, e, tampouco, nas duas noites seguintes. Tinha conseguido o objeto pelo qual estivera obcecado durante a campanha e,

sobretudo, o objeto que lhe traria o poder oculto, segundo o ser enigmático que o visitara semanas antes à ofensiva final a Canudos. “O poder lhe será dado através do derramamento do sangue de todos que seguem a fé que impera em Bello Monte”. O general não sabia de onde o ser viera, entretanto ficara fascinado com as palavras que ouvira. Girou incessantemente o cajado no ar, esfregando-o com as mãos, concentrando-se ferreamente em fazê-lo brilhar, mas nada ocorria. Em sua última noite às claras, durante a madrugada, quando todo o acampamento repousava, saiu até o perímetro da concentração de barracas e apontou a vara para o céu estrelado.

— Onde está você? — gritou.

Sem resposta, largou o cajado e atirou-se ao chão, com os punhos cerrados. Socou a areia com ódio. Sentia-se iludido Enganado por uma ilusão ou mesmo por sua própria mente.

Passados alguns minutos, os insetos da noite, misteriosamente, silenciaram-se. Um zumbido monótono começou a ecoar nos ouvidos do general. Uma mancha escura cobrira parte das estrelas do céu.

*Sim... É ele!*

Ergueu-se de imediato e olhou ao redor, apreensivo. Sentiu uma movimentação por trás e virou-se, num sobressalto. Fitava agora a materialização de um homem alto e pardo que vestia um traje preto e bem alinhado ao corpo. Era a mesma presença imponente que visitara o general algumas noites durante a campanha e que lhe falara sobre o poder de Antonio Conselheiro e de como poderia conquistá-lo, através do cajado.

— Está aqui! – disse Oscar, segurando o cajado em direção ao semblante que se manifestara.

— Muito bem! A missão foi conforme o esperado! — acrescentou o homem sombrio num tom firme e, ao mesmo tempo, calmo.

— Sim, consegui o cajado. E agora como faço para usar o “poder”?

— Você já usou o poder, general. Devastou a cidade e acabou com um líder messiânico e seus seguidores.

— Não entendo...

— Seu poder é a sua cobiça! O poder do Conselheiro foi a fé!

— Está dizendo que somente a fé pode acionar o poder do cajado?

— Foi o que parte do experimento comprovou, entre vocês, humanos.

— Então, perdemos?

— “Nós” não perdemos, general. Fomos nós que colocamos o cajado nas mãos do Conselheiro e deixamos que ele o manipulasse à sua vontade.

— Vocês? Não foi Deus? Foram vocês mesmos, demônios? — Oscar ficara atônito.

O semblante sorumbático esboçou um sorriso.

— O conselheiro enxergou Deus. Você viu um demônio. E ainda o vê!

— Eu... Eu estou confuso... O que é você?

— Alguém vindo de um mundo muito distante através de um meio que vai muito além de sua compreensão! — o homem fez um gesto e trouxe flutuando para si a parte arqueada do cajado que se desmembrara da vara segurada pelo general. — Você e o Conselheiro fizeram parte de uma experiência. Nós analisamos o comportamento primitivo de povos que se julgam evoluídos. Testamos aquilo que os movem; a compaixão, a discórdia, a fé, a cobiça... Um homem demonstra poder, outro homem deseja tomá-lo, mesmo que isso custe milhares de vidas. O comportamento do primata dominante desse planeta se mantém igual já há muito tempo.

A parte arqueada do cajado girava incandescente a poucos centímetros da palma da mão do ser sinistro.

— Como faz isso?

— Seria o mesmo que você tentar explicar a sua montaria o funcionamento de uma carabina.

O homem começou a emitir pequenos pontos luminosos através de sua roupa negra até ofuscar a visão do general. Naquele instante, um círculo luminoso surgiu entre as estrelas. A luz emitida pelo ser dissolveu-se no ar e subiu, sendo tragada pelo círculo que, depois, também se apagou. A escuridão da noite voltou a predominar. Os insetos foram ouvidos, novamente.

O general Arthur Oscar largou o pedaço de madeira que havia sido o cajado. Virou-se para o acampamento. Nenhuma movimentação.

No dia seguinte, acordou confuso e com lembranças distorcidas. Sabia apenas que deveria dar continuidade à missão: terminar de destruir todo o Arraial de Bello Monte.

## GUERREIROS DA QUARTA DIMENSÃO

Envolvido por grandes telas que exibiam imagens oscilantes de flutuação temporal, doutor Aldous rodopiou, abismado, em sua cadeira enquanto tentava contatar pelo canal de hipercomunicação algum outro membro do G4D, também conhecido como o grupo dos Guerreiros da Quarta Dimensão.

— Vamos Isaac, atenda logo! – clamava o físico rangendo os dentes.

— Receio que agora não seja uma boa hora para conversarmos, Aldous. – disse Isaac em tom ofegante, ao atender seu hipercomunicador que não parava de tocar.

— Onde vocês se meteram? Por que Arthur e Carl não atendem?

— Os dois estão um pouco ocupados e, alias, também estou. Se não formos servidos como sobremesa, retorno o contato. Ah, para sua informação, estamos a oitenta e seis milhões de anos atrás de você. Até mais!

Isaac desligou o aparelho e guardou-o no bolso de sua jaqueta enquanto corria com toda vontade e força disponível.

Um rugido estrondoso retumbou pela selva pré-histórica, fazendo os três temponautas olharem, atônitos, para trás.

— Droga! Ele nos viu. – gritou Carl.

— Mais depressa Isaac! – vociferou Arthur.

Carl e Arthur corriam mais à frente de Isaac. Eram mais jovens e dispunham de uma melhor condição física. Um pouco mais atrás, o solo estremecia com as pisadas imponentes do T-Rex que, há poucos minutos, interrompeu sua modesta refeição ao perceber três curiosas criaturas se aproximando.

— Quanto falta? – perguntou Isaac com uma voz exaurida que mal se ouvia.

— Sessenta metros. – informou Arthur, enquanto fazia o acionamento remoto da nave através do controle em seu pulso.

O intimidador dinossauro de quase doze metros de altura se aproximava raspando-se pelas árvores e emitindo baforadas de calor flamejante por trás dos aventureiros.

A nave de deslocamento temporal estava próxima, e já aguardava os tripulantes com a escotilha aberta. Bastava apenas descer uma pequena ribanceira para ingressar nela. Os dois mais jovens chegaram à entrada do módulo. Arthur foi para os controles de navegação e Carl ficou no aguardo de Isaac, que vinha rolando pela ribanceira. Carl ajudou o companheiro mais velho e também comandante a entrar e os dois fecharam a escotilha juntos.

O T-Rex chegou desorientado, pois havia perdido de vista suas presas. Parou ao lado da pequena nave e embaçou parte da fuselagem dela com sua transpiração.

— Descarregue os capacitores fotônicos. – ordenou Isaac ao seu timoneiro.

Arthur pressionou um botão no console e, lá fora, um lampejo intenso irradiou os olhos vorazes do grande predador, causando-lhe uma cegueira temporária.

Enquanto o grande animal se afastava atordoado, o módulo ergueu-se silenciosamente e, logo em seguida, já se encontrava bem acima das mais altas árvores da selva.

— Da próxima vez, vamos estacionar a nave o mais perto possível do ponto de observação! – disse Isaac, recuperando o fôlego.

O comandante tirou o hipercomunicador do bolso e chamou Aldous, que estava de prontidão.

— Suponho que estavam brincando com seus amigos dinos, novamente. – deduziu Aldous.

— Expedição de pesquisa. – afirmou Isaac, trocando um olhar irônico com sua equipe.

— Acredito! – prosseguiu o físico. – O módulo está com a arma carregada e operacional?

— Perfeitamente! – informou o comandante.

— Então chegou a hora de mudarmos o curso da história da humanidade. Acabei de fazer uma varredura cronoscópica no início do século vinte e descobri o momento exato da chegada dos invasores.

Os três tripulantes esboçaram feições de euforia.

— Estamos ansiosos para saber. – disse Isaac.

— Estou enviando as coordenadas espaço-temporais. Acredito que quando cumprirem a missão poderemos, enfim, nos livrar de tudo isso.

Em seguida, o computador quântico da nave exibiu todos os dados necessários para o novo e derradeiro deslocamento quadridimensional.

\*\*\*

O G4D foi criado por um grupo de humanos que, por muito tempo, estudou secretamente a tecnologia dos invasores e conseguiu desenvolver uma máquina capaz de navegar pela dimensão temporal e ingressar em diferentes planos paralelos.

No início do século vinte, entre 1908 e 1915, coisas estranhas começaram a ocorrer na

Terra, causando caos e pânico à todas as culturas. Vez por outra, o mundo inteiro ficava sem energia, interferências elétricas inexplicáveis provocavam panes nas rudimentares máquinas humanas e luzes estranhas percorriam os céus. Na verdade, todas essas anomalias consistiam numa agressiva forma de apresentação de uma civilização infinitamente superior à terrestre; e estes poderosos seres firmaram uma base operacional discreta no planeta, no decorrer daqueles anos.

Inicialmente, chegaram em uma única nave. Os seres que vieram nela ativaram um portal que, através do hiperespaço, conectou-os com outras dissidências de seu império e várias outras foram surgindo, abalando toda a estrutura da sociedade humana, quando esta percebera o que, de fato, ocorria. Eles eram semelhantes aos humanos, tanto na aparência como no comportamento. Subjugaram as grandes nações do planeta e puniram impiedosamente os grupos rebeldes. Podiam ser considerados como conquistadores galácticos que impunham suas regras por onde pisavam.

E, assim, facilmente governaram a carente civilização terrestre.

Ao longo dos anos, parte da humanidade evoluiu consideravelmente em suas ciências, mas tudo era supervisionado pelo império dos invasores. Então, aproximadamente, cem anos após a chegada daqueles seres, surgiu o G4D, formado por um limitado grupo de cientistas que soube observar estrategicamente os superiores extraterrestres e adquirir parte de seu conhecimento avançado. Após construir uma máquina que atravessava as barreiras do espaço e tempo, os integrantes do intrépido grupo se refugiaram num mundo paralelo para traçar planos para devolver o controle da Terra à raça humana. O objetivo principal do grupo de guerreiros era descobrir o momento exato da chegada dos invasores e destruir sua nave antes deles armarem suas defesas e instalarem o portal que servira de ponte aos outros mundos pelos quais estendiam seus domínios.

\*\*\*

O módulo diluiu-se na eternidade e, logo, recompôs sua estrutura física, quatro quilômetros acima do solo da Sibéria, na Ásia.

— Exatamente nas coordenadas, 7 horas e 12 minutos de manhã de 30 de Junho de 1908. — confirmou Arthur após as leituras.

— Espero que Aldous tenha interpretado corretamente os sinais do cronoscópio. — disse Carl.

— Façam logo as varreduras terahertz. — ordenou Isaac, apreensivo.

— Já encontrei! — disse Carl, entusiasmado. — Oito quilômetros ao sul. Ela está se deslocando a sete mil quilômetros por hora.

— Vamos pegá-los de surpresa. Ao enalço deles! Velocidade máxima! — exaltou-se Isaac.

A nave vibrou e lançou-se velozmente à sua última missão. Pouco depois, a tripulação já dispunha de um contato visual do grande objeto oval de cor prata que cortava o alvorecer avermelhado.

— Apontar o canhão!

— Ele está pronto, Isaac. – confirmou Arthur.

O comandante chamou Aldous pelo hipercanal.

— Meu velho amigo, eles estão na mira. Foi um privilégio ter trabalhado com vocês nesses últimos anos. Espero que nos encontremos na outra realidade que virá.

Apesar da emotividade, todos estavam preparados para aquele momento no qual uma existência seria apagada para o surgimento de uma nova, onde os integrantes levariam, provavelmente, vidas completamente diferentes.

— Da mesma forma, Isaac, agora, rápido, antes que eles percebam vocês e iniciem uma reação! Boa sorte para todos nós! – foram as últimas palavras do físico que se encontrava na base secreta da G4D.

— Dispare! – ordenou Isaac, cruzando os dedos.

Arthur deslocou uma alavanca e um poderoso feixe de energia partiu da proa do módulo e atingiu, em cheio, a popa da nave alienígena que estava uns 800 metros à frente.

O disparo drenou toda a energia da nave dos guerreiros. Ficou à deriva e começou a cair. Em seguida, desapareceu!

A nave dos invasores incandesceu-se como uma grande bola de fogo enquanto perdia altitude. Segundos depois, uma explosão nunca antes vista por um ser humano preencheu o céu e, através de suas ondas de impacto, devastou uma área de centenas de quilômetros de solo.

Os invasores arderam em chamas e sua nave, praticamente, se desintegrou.

Não houve a conquista da Terra por uma inteligência hostil e, conseqüentemente, não houve o surgimento do G4D. A humanidade seguiu seu ciclo evolutivo normal, por si só.

Num outro ponto da linha temporal, no decorrer do ano de 2009, uma expedição de pesquisadores deslocou-se para a região de Tunguska, na Sibéria central. A equipe tinha como propósito investigar um velho e ainda inexplicável fenômeno ocorrido na região em junho de 1908: uma misteriosa explosão de grandes proporções ocorrida próxima ao solo. Entre os membros da equipe, quatro nomes se destacavam: Aldous, Isaac, Arthur e Carl!

- A explosão de Tunguska, no referido ano, é um fato verídico. Supõe-se que o incidente tenha se originado pelo impacto de um meteoro.
- Os personagens Aldous, Isaac, Carl e Arthur homenageiam, respectivamente, os escritores e cientistas Aldous Huxley, Isaac Asimov, Carl Sagan e Arthur C. Clarke.

*Escrito em 2010. Inédito.*



## O DESERTO DO IRREAL

Uma nova explosão de luz âmbar no horizonte delatava a chegada de um novo capturado. Segui minha caminhada incansável sob a concha atemporal, resvalando sobre o deserto de estrelas, cujas dunas eram varridas por ventos de poeira cósmica.

O ser que emergiu da última luz estava enevoado, tal como ocorreu comigo e com todos os outros que passaram a vagar sob a concha. Trajava um uniforme de piloto da Luftwaffe, época da segunda guerra. Atordoado, nem notou minha passagem.

Banhando-se num lago de espuma escarlate, o homem de neandertal continuava urrando e debatendo os braços em perpétua revolta. Mais adiante, o ser humano esguio sem pelos e cabelos, de fronte protuberante continuava sendo levado pela onda de matéria plasmática.

Limbo, purgatório, inferno ou céu. Incontáveis humanos de diferentes épocas aprisionados aqui. Eu vejo uma grande concha e sinto olhares velados por trás dela.

Uma nova explosão de luz âmbar no horizonte...

## A MÁQUINA DA INSANIDADE

Centro Americano de Pesquisas Eletromagnéticas – CEPEL  
Deserto dos Pampas, Sul do Brasil.  
Agosto de 2082.

Ao fechar o zíper de seu traje paramagnético, doutor Leônidas Guerreiro fora examinado dos pés à cabeça por dois assistentes que verificaram a integridade do tecido que se alinhava rente ao corpo magro do cientista de meia-idade. Em seguida, auxiliaram-no na colocação da touca e das luvas, ambos acessórios feitos também do mesmo material que permitia a plena consonância com o poderoso campo magnético ao qual ele, agora, seria submetido.

Confiante, Leônidas virou-se e fitou cada um dos nove membros da equipe de pesquisa que se puseram a aplaudi-lo, numa manifestação de apoio e admiração à corajosa iniciativa do líder que se dispusera a arriscar sua vida em prol da ciência ou, melhor dizendo, em prol de suas próprias convicções.

Seu discurso de agradecimento já fora dado. Limitou-se a fazer um aceno geral e, antes de subir à plataforma que o elevaria até a câmara do vortex, disse:

— Vocês nem vão perceber a minha ausência, mesmo!

Todos os pesquisadores riram, pois, apesar daquela experiência já ter sido repetida com alguns objetos inanimados, uma orquídea (por três vezes) e Spock, o cão pastor, mascote da equipe, aparentemente, nada havia acontecido, com exceção do animal que, depois de ser submetido ao vortex, passou a se comportar de forma reclusa, mostrando constante indisposição e apatia a qualquer situação. Exames foram-lhe aplicados e constatou-se que Spock ostentava excelentes condições de saúde física, embora ressonâncias realizados em seu cérebro acusaram uma situação de hiperatividade em áreas responsáveis pelas emoções. As causas dessa sequela não estavam bem esclarecidas. De acordo com a opinião da maioria, o comportamento estranho do animal devia-se à torrente de stress que o experimento lhe transmitiu. Para o doutor Guerreiro, poderia ter ocorrido algo a mais!

A plataforma metálica iniciou a subida. O cientista fora elevado em direção aos cinco magnetos, cada qual com seus vinte metros de altura, formando uma engenhosa estrutura suspensa no hangar de experimento do laboratório. A disposição das colossais bobinas era de modo a formar um círculo em cujo centro situava-se uma câmara onde o corpo de prova era submetido; agora, o cientista.

Antes de ser ocultado pela estrutura, Leônidas fez um gesto de positivo com seu polegar a três outros pesquisadores que ainda ficaram dentro de sua vista, e eles retribuíram. “Quem dera se o restante do conselho também tivesse esse consentimento”, pensou o cientista. O pedido inicial do doutor fora revogado pelos supervisores dos laboratórios parceiros, um na Europa e outro na América do Norte, com o argumento de que o fortíssimo campo magnético gerado, mesmo que por milésimos de segundo, poderia provocar efeitos colaterais em longo prazo ao organismo, o que ainda não se constatou no vegetal e no cão, embora ambos tivessem passado pela experiência há poucos meses. Consequências mais graves poderiam manifestar-se depois de anos.

Contudo, doutor Guerreiro, chefe do laboratório brasileiro, conseguira convencer – ou persuadir – sua equipe a realizar o experimento com um ser humano e fazer vista grossa para o protocolo. Em caso de sucesso, a comunidade entenderia. Em caso de fracasso, a consequência surgiria, possivelmente, dentro de muitos anos.

Tudo isso para saciar a curiosidade de um cientista intrépido, obcecado pelo famoso e ainda inexplicável “momento de flutuação espacial” gerado pelo conjunto de magnetos quando o campo magnético resultante destes criava o fenômeno do “vortex”, ao atingir uma intensidade de 913 Tesla. Para Leônidas, aqueles breves milissegundos de flutuação, onde os instrumentos misteriosamente deixavam de registrar a presença de qualquer objeto físico na câmara, seria ruptura de Riemann! Um corte que conecta dois espaços diferentes ou, talvez, dois universos diferentes! Ele acreditava que neste tempo pífio, algo diferente poderia ser percebido.

O som grave emitido pelo conjunto de bobinas fez vibrar seu corpo. Sentiu o súbito declínio da temperatura. O sistema criogênico de arrefecimento mantinha o núcleo dos magnetos a 272,5 graus Celsius negativos, para favorecer a supercondutividade da corrente elétrica. Apesar de todo o isolamento térmico dos bobinados, uma pequena parte do frio se propagava pela volta.

Na sala de controle, os pesquisadores davam os comandos para que o gerador de fusão nuclear liberasse a carga nominal de energia para a criação do vortex. A tela principal exibia as feições ansiosas de Leônidas, mas logo a imagem começou a oscilar, devido à interferência eletromagnética que crescia exponencialmente. O zunido reverberou por todo o hangar. O coração do cientista disparou.

Nos controles, um operador fazia a contagem regressiva. “Formação do vortex em 4, 3, 2, 1...”.

Flutuação!

Por 0,013 segundos os instrumentos não registraram nenhum corpo na câmara, tal como acontecia nas outras vezes.

O som grave cessou. As telas recuperaram a imagem. Para a precipitação dos pesquisadores, surgira o doutor Guerreiro deitado sobre a plataforma, inconsciente!

— Baixem agora! — gritou um membro da equipe para aqueles que estavam sentados em frente aos controles.

A plataforma descera lentamente enquanto todos corriam ao encontro dela. O corpo do cientista foi virado pelos colegas e estes ficaram aliviados quando constataram que ele respirava.

— Leônidas! Leônidas!

As pálpebras subiram revelando um olhar desfocado.

— Está bem doutor? Depressa, vamos levar ele para o hospital!

O cientista ergueu os braços e, com esforço, proferiu em tom debilitado:

— Eu vi o “todo”... Com os olhos de Deus!

™

Instituto Philippe Pinel

Sudeste do Brasil.

Agosto de 2087.

O aposento era lúgubre. Nenhuma tela de vídeo. Nenhum aparelho de som. Sem

livros. Era opção do paciente que ali passara os últimos cinco anos.

Doutora Sarah Santini, médica psiquiatra que assumira, recentemente, o caso de Leônidas Guerreiro, estava há alguns minutos sentada à pequena mesa de refeições com o homem de barba longa e mal cuidada, cabelos displicentes e olhos que pareciam buscar uma dimensão invisível.

Apesar das tentativas da médica de incitar alguma reação no paciente, através de algumas perguntas banais que envolviam o clima e a crise social, este permanecia tácito, além de ignorar a presença de sua interlocutora. O ex-cientista dificilmente respondia às diferentes medicações que lhe eram aplicadas. Até os tratamentos por nanorrobôs que eram inseridos diretamente no cérebro não surtiam o efeito esperado. Era como se o paciente mantivesse um desejo incorruptível de não querer melhorar.

Leônidas, morosamente, mordiscava um pedaço de pão. Sarah, percebendo o quanto infrutífera estava sendo, optou logo pela questão mais intrépida, aquela que a trouxera até ali.

— Doutor Leônidas, gostaria que me contasse o que você se lembra daquele dia.

Ele parou de mastigar, contudo, seu olhar permanecia em órbita. Passado um breve instante, deu uma nova mordida no pão e mastigou com mais força.

— Doutor Leônidas, eu acredito em você! Por isso estou lhe perguntando!

Enfim, ele dera uma risada discreta, porém, irônica.

— E por que acredita? — perguntou, ainda sem encarar a psiquiatra.

Sarah já se sentia satisfeita por ter obtido sucesso na primeira etapa; fazê-lo dialogar! Isso era difícil de acontecer.

— Porque o senhor foi um dos mais proeminentes formandos do curso de doutorado em física da Universidade de Oxford. Supervisionou o mais avançado laboratório de pesquisas eletromagnéticas da América do sul, onde realizou experimentos de sucesso para o desenvolvimento da antigravidade. Fez estudos importantes sobre a relação de campos magnéticos assimétricos de alta intensidade com a teórica ruptura de Riemann. Foi considerado um gênio pelos membros de sua equipe que...

— Isso mesmo! Foi considerado um gênio! — o paciente interrompeu e, pela primeira vez, fitou a médica. — Depois passei da genialidade para a loucura... Uma promoção que me deixou, aqui, interditado! Sou uma vítima daquele equipamento que, depois, passou a ser conhecido como “a máquina da insanidade”!

— E eu gostaria de saber o porquê disso, doutor Guerreiro. O senhor sempre se absteve de maiores explicações. Apenas repetia que havia visto e entendido “tudo”. Depois, alertou insistentemente que o laboratório explodiria em breve e deveria ser abandonado. O que quero saber é o que, de fato, lhe aconteceu há cinco anos! — interpelou Sarah, num tom mais enérgico, aproveitando o instante de lucidez do ex-cientista para tentar mantê-lo ativo na conversa.

Leônidas soltou uma gargalhada que deixara a médica ligeiramente preocupada. Então, prosseguiu:

— Vocês acham que isso foi há cinco anos? Isso aconteceu num passado tão remoto cuja medição mal pode ser expressa em números! O problema é que vocês não perceberam. Só eu percebi!

— O que quer dizer com isso?

— Toda vez que tentei contar essa história, os outros médicos sempre alteravam a posologia de minha medicação. O que a faz pensar que vou repetir isso novamente?

— A minha promessa de que não vai acontecer nada depois do que você contar,

independente do que contar. O fato de eu estar aqui agora disposta a ouvir tudo já demonstra interesse e respeito à sua explanação. Caso contrário, poderia apenas me basear nos relatos dos médicos anteriores. Gostaria que contasse tudo de que se lembra, de forma cronológica, se possível.

— Ordem cronológica! — sibilou. — Hoje acho graça de como vocês se referem ao tempo. Inclusive, hoje dou risada daquilo que eu pensava sobre o tempo, depois do que aconteceu comigo em agosto de 2082.

— Estou, sinceramente, ansiosa para saber o porquê de você achar graça!

— Infelizmente, a capacidade de armazenamento do cérebro humano é muito limitada. Vou poder lhe contar somente alguns períodos que se mantiveram em minha mente durante aquilo que podemos chamar de “eternidade”.

A psiquiatra assentiu. Ele largou o pão no prato e começou a tamborilar as mãos sobre a mesa, numa demonstração de ansiedade, antes de prosseguir.

— Meu corpo tremia de frio e vibrava com o som grave gerado pela energização dos magnetos. Confinado naquela câmara de bobinas, de iluminação precária, fui tomado pelo medo. O medo que eu achava que não me assolaria, até ficar só, dentro de túnel estreito monitorado por sensores incapazes de detectar alguma coisa no instante crítico.

“Poucos segundos antes da intensidade do campo magnético atingir 913 Tesla, eu começava a desejar que nada realmente acontecesse. Não me senti pronto. Queria descer e dizer que minha teoria estava errada e que não havia visto nenhuma fenda de Riemann!

“Bem, não foi o que aconteceu. No momento em que aquela “trombeta elétrica” atingiu sua nota mais alta, o universo mudou... Eu fui só um espectador...”

“Uma luz branca irradiou intensamente a câmara. Talvez essa luz fosse apenas aquele lampejo de 0,013 segundos, mas isso dependia do observador, se ele estivesse dentro do foco da luz ou fora dele. Como eu fui “iluminado”, me tornei um elemento independente do tempo e do espaço! Viajei pelo “todo” e descobri alguns segredos do universo que nos cerca!”

— Para seus colegas do laboratório, você apenas desmaiou. Mas, segundo sua versão, você fez uma longa viagem e retornou 0,013 segundos depois de partir?

— Eu não voltei, apenas avancei!

— Então, por favor, prossiga na explicação!

O paciente uniu as palmas das mãos e, depois, separou-as, num gesto largo, enquanto dava um assovio. A médica limitou-se a fitar os olhos sorumbáticos do narrador, os quais pareciam refletir um misto de loucura e abnegação.

— Aquele universo foi lançado para um lado e eu emergi para o outro... Após o lampejo, parecia que eu havia me transformado num espírito, mas, não era isso... Um paralelo foi criado! Na verdade, não foi bem o “corte de Riemann” o que eu descobri, pois, teoricamente, esse corte permitiria ao viajante ir de um determinado plano ao outro através de um buraco de minhoca com comprimento igual a zero. Mas, muito diferente disso, o buraco de minhoca me levou a uma jornada entre universos na qual eu podia ver tudo o que se passava, apesar deste meu “corpo duplicado” permanecer imune ao efeito do tempo... Eu fui estendido pela dimensão do tempo! Talvez estendido até pela maioria das dez hipotéticas dimensões...

“Após o lampejo, o conjunto de magnetos se tornou invisível perante meus olhos e passei a enxergar todo o hangar do laboratório. Despreendi-me de mim mesmo, como uma alma que deixa um corpo, e aquele doutor Leônidas que lá ficou, caiu sobre a

plataforma, logo em seguida. No princípio, achei que tivesse morrido... Este que você vê agora é o doutor Leônidas duplicado, aquele que avançou... – ele buscou os olhos de Sarah, enquanto esta se esforçava para ostentar um ar de credulidade. – Fui tragado para uma dimensão onde eu podia ver tudo, porém, ninguém conseguia me ver... Aquilo foi muito além da distinção de qualquer mortal. Tudo que eu passei a ouvir ficou distante e levemente distorcido, igual quando colocamos uma concha marinha em cada orelha. Vi o outro doutor Leônidas sendo acudido pela equipe apavorada. Os movimentos das pessoas se estendiam em feixes luminosos e era muito difícil ver o que estavam realmente fazendo – fez com os braços gestos rápidos para os lados, chacoalhando as mãos e quase batendo-as na médica. – Num instante, não havia mais ninguém no hangar. As luzes se apagaram e eu flutuava no mar transdimensional... Logo em seguida, tudo claro! Flashes de pessoas cruzavam para todos os lados, inclusive no perímetro dos magnetos, algumas vezes chegavam a me transpassar. Tudo se acelerava incrivelmente. Durante cada movimento de meus olhos, muitas coisas pareciam acontecer... As luzes se apagaram novamente e, num outro piscar de olhos, se acenderam, e assim foi... Claro, flashes, escuro, claro, flashes, escuro... Até que na constante variação, predominou apenas o claro, tal como o efeito de uma antiga lâmpada fluorescente, que pisca várias vezes por segundo sob efeito da corrente alternada e, para a nossa percepção, predomina só a claridade. Cheguei a pensar que realmente tivesse morrido... Contudo, meus temores desapareceram. Estava lá, como um *ser elemental* aprisionado e condenado a assistir a tudo o que o tempo traria.

“Coisas mudavam instantaneamente de lugar no hangar, em movimentos que eu não podia mais captar. Já não era mais possível mensurar dias, meses e, talvez, anos transcorridos. De repente, uma luz intensa acompanhada de labaredas veio da direção de onde era a sala do reator de fusão e consumiu todo o que havia pelo perímetro e, quando consegui analisar o que ocorreu, só vi destroços de paredes e um céu claro cheio de manchas bruxuleantes, talvez fosse o movimento das nuvens misturado ao do sol, pois o tempo se acelerava mais e mais... Sim, talvez por uma falha no reator, todo o centro de pesquisas explodiu! E todas as ruínas, abandonadas, se reduziam num intervalo que eu poderia expressar em segundos. A máquina que havia me catapultado para aquela dimensão fantástica, já não mais existia.

“Podia contemplar o movimento das dunas do deserto dos pampas como se fossem bailarinas que proporcionavam um espetáculo com visão de 360 graus. Ao passo que girava minha cabeça, toda a paisagem se alternava. Um risco luminoso cortava o céu claro de leste a oeste, com pequenas variações cíclicas de trajetória. A linha contínua e radiante era efeito, obviamente, do sol em função da tão veloz rotação da terra e a alteração de curso da linha era efeito dos equinócios e solstícios. Fascinante! Um cordão de luz variando como uma onda que progressivamente aumentava sua frequência. O tempo não cessava sua aceleração... Ao redor, árvores apareciam e desapareciam. O que era deserto se converteu em floresta nativa. Centenas de anos passavam no período em que girava meu tronco. Montanhas e crateras se formavam... Subitamente, o concreto cresceu ao redor. Torres queriam encontrar o céu. Flashes em todo o horizonte. Uma cidade nasceu... E morreu... Tudo branqueou! A vista foi tomada pela neve e, tão logo, o brilho glacial cobriu minha visão. Não tardou para que baixasse. Sem torres de cidade alguma. Mais desertos... Árvores... Vegetação rasteira... Quando fitei novamente o céu, a oscilação do cordão de luz estava tão rápida que preencheu as áreas angulares nas direções leste e oeste, correspondentes aos solstícios e equinócios.

“Milhares de anos...

“Milhões de anos...

“Fui surpreendido pela água. Um oceano profundo inundou a região, me deixando submerso vários metros. Não sei por quanto tempo fiquei naquele abismo sombrio onde a luz solar mal chegava. Provavelmente, muitos milhões de anos... Silhuetas de grandes animais marinhos pareciam “pisar”, vez por outra... Eu ansiava pelo fim de tudo aquilo. Talvez a raça humana já tivesse encerrado sua jornada na Terra. Como poderia eu retornar para minha antiga existência de mortal?

“As águas baixaram. Uma paisagem ferruginosa, quase incandescente, predominou. O céu trocou seu tom azul pelo laranja. Aquela linha luminosa que percorria do leste ao oeste ficou muito mais espessa e brilhante. Sim, nosso sol entrou no corredor de sua morte, e, com isso, transformou a Terra num caldeirão inóspito. Naquele momento, o tempo passou a virar a casa dos bilhões de anos... Logo, tudo ficou escarlate. Nosso astro rei queimou todo o seu hidrogênio e passou a consumir hélio. Cresceu espantosamente. Se transformou numa estrela gigante vermelha. Na superfície terrestre, se poderia fundir chumbo. Foi como estar dentro de uma grande chama crepitante. Mas aquele inferno que surpreenderia Dante Alighieri foi se apagando, e tudo ficou frio. Aquele que era poderoso e flamejante se tornou uma sutil chama de lamparina... Somente sombras fantasmagóricas pairavam no planeta...

“Tempo! O que o define? Minha viagem por esse corredor jamais se findaria?

“O que restava do sol se apagou e, em seguida, todos os riscos vibrantes de luz tênue que as estrelas desenhavam no céu tiveram o mesmo destino. Escuridão plena! O fim do universo! Apenas a eternidade morta e eu... Por um período imensurável, assim tudo ficou... Por mais que eu desejasse meu próprio fim, ele não vinha.

“Pequenas luzes começavam a se reascender. Poderiam os corpos celestes ressuscitar? Não era isso! As luzes vinham de muito longe e iam para algum lugar em comum. Tive a impressão de que a grande pedra morta sobre a qual minha consciência repousava também se deslocava para o mesmo lugar, ultrapassando outros pontos luminosos ou sendo ultrapassada por eles. As luzes foram se aglutinando e a claridade voltou para flamejar a superfície daquilo que uma vez foi a Terra. O fogo se concentrou e, sob ele, o planeta se despedaçou. Incrível! Naquele momento deduzi o que aconteceria. Apesar de outras teorias que os cientistas consideravam mais verossímeis para o fim do universo, foi o velho “big crunch” que prevaleceu.

“A claridade do encontro de toda a matéria num pequeno ponto foi cegante. A pressão, a temperatura e a densidade deveriam atingir valores incompreensíveis na formação daquele “átomo primordial”. Pensei, então, que me desfaria de vez, mas não! Eu não fazia parte daquela dimensão. Era como um mero espectador numa sala holográfica.

“De repente... — ele fez uma pausa mais prolongada, unindo as mãos. Depois, separou-as lentamente. — Boommm! “Big bang”! — disse, por fim. — O novo “big bang”! — em seguida, passou a falar rapidamente. — Então, veio a dissolução da luz concentrada! Resfriamento repentino! Cores preencheram todo o meu campo de visão. Dissipação dos aglomerados em grãos de poeira cósmica. Matéria sendo arremessada para todas as direções. Tudo muito rápido! Os primeiros sóis ganharam forma. Flutuei através de nebulosas esplendorosas! A poeira se acumulou ao meu redor e foi se fundindo para formar um asteroide que cresceu e cresceu até atingir o tamanho de um planeta sombrio. Me vi em sua superfície. Uma estrela de forte brilho começou a varar o espaço. O planeta entrou em translação ao redor de um novo sol. Gases de tons claros cobriram minha visão. Mergulhei num oceano de sopa ácida e escaldante. Quando o

líquido secou, um céu azulado me ofuscou. Uma Terra primitiva se revelou! Flashes de criaturas estranhas se mesclando com um vergel em constante mutação. Mar! Deserto! Gelo! Floresta! Deserto, novamente! Tempo! Quatro paredes, equipamentos, um laboratório! Meu corpo dói... Minha cabeça quer explodir! Caio, desmaiado!”

Leônidas, que antes fitava o vazio, voltou a fitar a médica que, após segundos de reflexão, questionou:

— Você viu o fim do mundo, o fim do universo, depois, tudo foi recriado, um novo planeta Terra surgiu e, bem mais tarde, um novo CEPEL também! E lá, você reapareceu?

— Lá, não! Aqui! Eu saí de um universo anterior e cheguei a este, agora, onde estamos. Assim como o Leônidas que estava neste universo, antes do experimento, avançou para um posterior! Lamento por não ter descrito essa jornada com mais detalhes. Sei que muitas coisas mais eu vi, porém, meu cérebro não teve capacidade para gravar tudo.

— E como pode ter certeza de que tudo não foi uma ilusão causada pela forte irradiação eletromagnética do experimento?

— Como você pode ter certeza de que eu, agora, não sou uma ilusão à sua frente?

A pergunta retórica do ex-cientista deixou a psiquiatra em silêncio. Ele baixou a cabeça, deu algumas batidas sobre a mesa e, em seguida, ergueu um sorriso irônico.

— Eu sei por que você está aqui! Sei por que vocês estão agora mais preocupados comigo! Sei o que aconteceu! Pois, acreditem, eu desvendei o funcionamento do universo. Ele é como um programa de computador em *looping*! Segue a mesma sequência de início e fim, num ciclo perpétuo, talvez sem variações! Já teve um *déjà vu*, doutora Santini? Presumo que alguma vez, sim! Às vezes, podemos ter imagens de nossas “vidas passadas”! Eu sei o que a preocupa! — abriu-se numa gargalhada, pegou o pão no prato, rasgou-o em migalhas com os dedos e, depois, juntou tudo com as mãos. — Não se preocupe, tudo que se dissolve, um dia se une! — logo, subiu na mesa e levantou a voz. — Assim como agora desprezo esse mundo previsível e entediante, um dia o farei novamente! — sua gesticulação desordenada fizera a médica afastar-se. Ele ria com sarcasmo.

A porta abriu, dois enfermeiros entraram. Um deles conteve o paciente e outro acompanhou Sarah até o corredor.

— Perdão, essas crises são muito comuns! — disse o enfermeiro.

— Não se preocupe.

Ao longo do corredor, ainda ouviram as vociferações de Leônidas contra a vida e toda a existência.

No hall do instituto, um cientista, ex-colega do doutor Guerreiro, aguardava-a.

— Contou a ele sobre a explosão da semana passada no CEPEL?

— Não foi necessário. Ele até sabia que ela foi causada pelo reator de fusão!

— Acredita nele?

— Por enquanto, isso pode ser ainda taxado de coincidência. A história dele só poderá ser confirmada ao longo de muito tempo!



**SOBRE O AUTOR:**

**Estevan Lutz** é um escritor e apreciador da ficção científica e do suspense. Procura sempre explorar e detalhar tecnologias instigantes em seus textos. Além de arquitetar mundos futurísticos e fantásticos, desempenha também a função de projetista elétrico industrial. É autor do romance cyberpunk “O Voo de Icarus – Até Onde Nossa Mente Pode Nos Levar?”. Já participou também de dez antologias de literatura fantástica nacional.

**Fábrica de Ebooks**

**[www.fabricadeebooks.com.br](http://www.fabricadeebooks.com.br)**